

SER/ESTAR PAI: UMA FIGURA DE IDENTIDADE

Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli*
Ana Cristina d'Andretta Tanaka**

RESUMO

O objeto desta pesquisa foi repensar a identidade masculina frente à paternidade, na tentativa de se buscar uma nova definição para o ser homem, levando-se em consideração experiências adstritas à condição feminina. A população deste estudo qualitativo foi de 25 sujeitos, sendo dez pais e 15 profissionais de enfermagem. Os dados foram obtidos por meio de entrevista aberta, baseada em roteiro preliminar, realizada pelo pesquisador, e analisados à luz da Teoria da Identidade Social. Procurou-se trabalhar o conhecimento imediato dos pais, o conhecimento mediado de profissionais, baseado nas representações destes sobre o comportamento dos pais, e o conhecimento abstrato do pesquisador, embasado na literatura especializada e experiência profissional. Os resultados da análise do comportamento do homem mostraram um indivíduo que na busca da compreensão da vivência da paternidade, vem repensando seu papel, suas atitudes e principalmente suas emoções, conquistando novos espaços na construção de sua identidade. Por outro lado, na fala dos profissionais foram resgatados estereótipos sociais sobre o comportamento desse homem, frente à paternidade, que o desqualificam. A reavaliação de nossas concepções é o caminho para mudanças em nossa prática no campo da saúde que contribuirão no processo de construção da identidade do novo homem.

Palavras-clave: Paternidade. Gravidez. Enfermagem. Saúde Pública.

INTRODUÇÃO

O Mito

A reprodução na Antiguidade era vista como um fenômeno puramente feminino, o homem foi quase que totalmente excluído do processo. Escapava à inteligência humana primitiva o ato oculto e misterioso da concepção⁽¹⁾. Encontramos na literatura histórica, a mulher cultuada como a 'grande deusa', a 'mãe sem esposo original com dom especial de produzir vida'. Sua menstruação era misturada à semente do trigo para que a semeadura anual tivesse melhor fertilização⁽²⁾.

Quando se deu a descoberta da paternidade biológica no início da Idade do Ferro, há cerca de 3.500 anos, houve inversão de valores. O homem descobriu que não era a mulher quem detinha o poder da vida, mas ele próprio. Começou então o culto ao falo e este tornou-se a fonte não só de poder, mas de todo significado e ordem culturais⁽³⁾. Hoje em dia, observa-se a grande dificuldade dos homens em sentir-se como ser integral. Sua identidade parece estar localizada muito mais em seu sexo do que no

que ele é, ou seja, como pensa, age e sente.

Houve uma revolução dos valores e costumes nas relações de gênero e nas relações sociais, a mulher foi rebaixada da sua condição de deusa à condição humana e a questão da procriação foi o ponto de conflito. Alguns autores afirmam que esse declínio extrapolou o limite humano, considerando a mulher um ser inferior, sem inteligência que necessitava ser controlado e regulado, em total dependência do homem⁽⁴⁻⁵⁾.

Os novos conhecimentos sobre a concepção levaram o homem a sentir-se libertado do seu estigma e passar a comandar, determinar a ordem social, por passar a ser o detentor do poder/semente, sem o qual a vida não é passível de existir. As características femininas desceram na escala de valores e as condições de gestação, parto, puerpério foram vinculadas, na nova lista de prioridades sociais, à manutenção da espécie e da força de trabalho. O novo modelo social, machista, preconizava a desvalorização das funções maternas e também domésticas, com supervalorização da realidade intelectual e econômica. Hoje, apesar de este ser um conceito desgastado e a expressão utilizada ser 'modelo masculino', na prática, a realidade não é

* Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Professora Associada do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: macielalexandrina@gmail.com

** Enfermeira. Pós-Doutora em Saúde Pública. Professora Titular do Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. E-mail: acdatana@usp.br

diferente. O homem socialmente idealizado é feliz, não tem problemas financeiros, tem acesso aos prazeres mais exóticos, concretiza suas fantasias de conquista e é politicamente comprometido. Esse mesmo homem não chora, não tem momentos de intimidade consigo, vive cercado de mulheres bonitas. É um homem que se convencionou chamar de vitorioso, não interessa a que preço⁽⁶⁾.

Embora tenhamos consciência de que o homem não é assim, sabemos o quanto muitos se esforçam para se aproximar desse padrão, caso contrário, eles serão fracos ou fracassados.

O Papel Social do Indivíduo e a Busca de sua Identidade

A identidade do indivíduo implica diferenças e igualdades que sucessivamente se apresentam, de acordo com os vários grupos sociais dos quais fazemos parte. O conhecimento que temos de nós mesmos é obtido pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados em determinado grupo social que existe objetivamente. Essa identificação se dá por meio das relações que os membros estabelecem entre si e com o meio onde vivem, pela sua prática e agir. Não se pode dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade, ou seja, as várias configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social⁽⁷⁾.

O resgate da origem da crise de identidade do homem atual implica não considerá-lo como um ser isolado, buscando uma visão unilateral. Discutir a questão masculina significa assumir que o masculino está em constante relação com o feminino. A paternidade representa para homem e mulher modificações biopsicossociais radicais em seus papéis. A mulher, esposa e amante será também mãe, e ele, companheiro, se tornará pai, ou seja, suas identidades serão alteradas.

A proposta do modelo tridimensional da identidade social afirma que a identidade de uma pessoa, em qualquer momento, é uma função de suas posições sociais validadas por meio do desempenho de papéis apropriados, convenientes e convincentes. As três dimensões seriam as posições (status) que o indivíduo ocupa na estrutura social, as avaliações (valores) que o indivíduo recebe pelo desempenho dos papéis

correspondentes a essas posições e o grau em que o indivíduo pode e/ou deve estar envolvido ao desempenhar seus papéis⁽⁸⁾.

A Questão do masculino e feminino

Enquanto a experiência masculina da sexualidade é considerada algo concreto, exemplificada pela evidência da ejaculação e até da possibilidade de observação do próprio ato de urinar, a experiência feminina é vista como algo misterioso, como órgãos sexuais embutidos e continência uterina da procriação. Essas características biológicas podem ser tomadas como forma de identificação da pessoa, sendo o homem identificado com a objetividade e a mulher, com a subjetividade. Essa visão reducionista do ser humano tem nos levado a atribuir ao homem a racionalidade e à mulher a emotividade, além da ideia de seres incompletos, com necessidade do outro para se completar. Nesse sentido, a substituição da ideia de complementaridade pela de reciprocidade permite o resgate do homem e da mulher como seres antropológicos, existentes em sua alteridade, ou seja, na qualidade de ser-com-o-outro⁽⁹⁾. Esse conceito permite a interação das dimensões do masculino e do feminino apenas como duas modalidades de ser-no-mundo e podemos nos referir ao masculino e ao feminino não necessariamente querendo designar homem e mulher.

A proposta do presente estudo é de repensar a identidade masculina, diante do processo gravídico, não como cópia de papéis cultural e socialmente determinados, como da mulher (mãe), tampouco, buscando uma nova definição para o ser homem, mas considerando experiências antes restritas à condição feminina como importantes também à condição de ser homem. Para tanto, precisamos conhecer as possíveis figuras alternativas de ser pai que estão sendo construídas socialmente, por meio da descrição dessas imagens, bem como, dos tipos de figuras alternativas que são entendidas aqui como simbólicas, abertas.

METODOLOGIA

Este estudo é resultado de dissertação de Mestrado, defendida em 1994⁽¹⁰⁾.

O objetivo foi conhecer figuras de identidade que aparecem nas falas dos indivíduos, no processo gravídico. Do ponto de vista metodológico, a relação entre objetividade e subjetividade procura acompanhar o movimento de uma realidade desdobrada. Sendo assim, trabalhamos o conhecimento imediato de dez pais, por meio do conteúdo de suas falas, o conhecimento mediado de 15 profissionais de saúde da instituição, baseado nas representações destes sobre o comportamento dos pais que frequentavam a instituição e o conhecimento abstrato da autora, embasado na pesquisa científica e também nos dez anos de atuação na área materno-infantil.

A coleta de dados foi realizada pela própria pesquisadora entre fevereiro e abril de 1993. O local proposto para a coleta de dados foi um hospital-escola. A técnica escolhida foi a entrevista não-estruturada, também definida aberta ou como conversa com finalidade, em que o roteiro serve de orientação, de baliza para o pesquisador e não de cerceamento da fala dos entrevistados⁽¹¹⁾. Após a transcrição integral das entrevistas, procedemos à análise dos discursos e à busca de significados à luz da Teoria da Identidade Social⁽⁷⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obtenção de outras informações sobre os homens em estudo, que não as próprias, possibilitou o contato com um contexto rico de significados sobre o que é ser pai, segundo a ótica dos profissionais. Chama atenção o quanto os estereótipos socioculturais do 'bom pai' e do 'mau pai' determinam o conceito dos profissionais. Assim, existe um pai que é envolvido no processo da gravidez e nascimento do filho, é preocupado e permanece no local mesmo quando o ambiente não é adequado e participa das ações propostas pelo serviço. Este pai é considerado 'bonzinho', 'interessado', ele planejou e desejou o filho, o protótipo do 'bom pai'.

[...aquele que fica "n" horas atrás de você o tempo todo, querendo informações e você manda embora e ele não vai...] (profissional)

[...alguns são muito cuidadosos, só falta carregar a mulher no colo para colocar no consultório...] (profissional)

[...os que chamam atenção são aqueles que querem ajudar, trocar o nenê, esse feliz normalmente queria o filho, foi planejado...] (profissional)

Por outro lado, existe um preconceito exacerbado em relação aos pais que não se encaixam nos padrões acima. Aquele que não permanece no hospital esperando por notícias, pouco visita sua companheira durante a internação, não interage com a criança de acordo com as expectativas desejadas não é considerado um bom pai. Seria o mau pai? O alcoolismo é citado como frequente na comunidade, sendo mais um fator que contribui para essa imagem negativa.

[...têm uns que largam a parturiente e vão embora, parece que quer se livrar, o alcoólatra é outro problema, ele chega dando bronca, gritando...] (profissional)

[...a maioria não tem um contato maior com a criança, como a mãe, a imagem que eles passam é de bastante machista. Uma vez eu peguei um e ele chegou, olhou para a criança e a gente sentiu que ele não tinha carinho por ela, é assim...] (profissional)

Para entender melhor os comportamentos referidos, perguntamos aos profissionais quais os motivos que poderiam determinar aqueles. Apareceram como causas a gravidez não-desejada, insegurança por falta de conhecimento sobre o ciclo gravídico-puerperal, expectativas em relação ao ambiente hospitalar, mais um filho, pouca escolaridade e dificuldades de interação com a criança pela presença da mãe.

[... são pais de uma gravidez não desejada...] (profissional)

[...acho que tem aquela preocupação da paciente ficar em casa e o bebê nascer lá e ele não saber o que fazer...] (profissional)

[...geralmente quando tem mais de 2 filho, eles não ligam tanto...] (profissional)

[...acho que eles têm medo do ambiente hospitalar...] (profissional)

[...a região que a gente atende é de baixo nível sócio-cultural-educacional e isso interfere, quando é uma pessoa que tem melhor nível, é mais fácil...] (profissional)

[...eles se sentem inferior porque só a mãe pode mexer e eles dizem que, quando chegarem em casa, vão pegar o nenê quanto quiserem...] (profissional)

Observamos o aparecimento de um 'modo de ser/atitude' dos pais que serve como referência para a definição destes, segundo a ótica dos profissionais. Existe o 'pai participante' tido como 'bom pai' e o 'pai ausente' visto como 'mau pai'. É importante resgatar os parâmetros que regem essa ótica. Não podemos perder de vista a questão do contexto do atendimento, em que ocorrem os contatos entre os profissionais e pais, que gera uma matriz específica de regras⁽¹²⁾, convenções e normas e regem boa parte dos comportamentos, por meio do estabelecimento de rotinas e práticas assistenciais. Até mesmo a geografia do local é um determinante importante. Exemplo claro desse aspecto é a restrição à entrada dos pais no centro obstétrico e berçário. Seja total ou parcial, pode levar à ideia de pouco interesse dos pais, o que não deixa de ser uma visão real porque concretamente existe a ausência do pai, porém distorcida, uma vez que o contexto implica essa atitude.

Trinta anos depois do feminismo, começa a emergir um novo tipo de homem. Não se trata de mais uma divergência entre os sexos e sim de uma quebra no pacto do silêncio. O homem atual não suporta mais corresponder às expectativas sociais sobre seu comportamento, ou seja, ser sempre forte, nunca falhar no sexo, ser chefe da família etc. Entre medos, frustrações e conflitos, o homem quer rediscutir seu papel social, rever sua identidade⁽¹³⁾.

O que esses homens reivindicam hoje é o direito à sensibilidade, de ser frágil, de cuidar de seus filhos. Esses anseios não prejudicam ou alteram sua masculinidade.

É fácil entender a dificuldade que muitos pais têm em se colocar a respeito da vivência pessoal da gravidez. Vivenciar algo significa sentir ou captar, em profundidade, determinada situação⁽¹⁴⁾. A história da gravidez é permeada por mitos e símbolos culturais que, no decorrer da existência humana, direcionaram os papéis

sociais e de gênero, excluindo o homem de uma participação mais efetiva nesse processo.

[...acho que a mulher tem que se cuidar porque a gravidez é mais pro lado dela, porque tem que ter responsabilidade, têm umas mães que não cria, deixa na mão dos outros...] (pai)

Essa fala reflete uma atitude machista frente à gravidez, considerando-a um acontecimento exclusivamente feminino. No entanto, o pai na nossa atual sociedade é uma figura estranha, não por vontade expressa, mas por contingência da função que culturalmente assumiu de responsável pelo sustento da família. Paralelamente, existe o fato de a gravidez ser concreta e óbvia na mulher, por meio de sua manifestação biológica e não no homem que ainda vê o processo da gravidez como algo místico.

[...para mim é um mistério grande a gravidez, eu não consigo entender por que acontece isso, por que ela tem que ter essa transformação toda, a empatia não funciona nesse caso, não consigo me colocar no lugar dela e sentir o que ela sente, saber como é...] (pai)

Por outro lado, para além do místico, o significado da gravidez é representado por sentimentos de preocupação, ansiedade e expectativa com a mulher e a criança, com o nascimento em si, considerado fora do normal. Esses sentimentos acarretam aumento da responsabilidade frente à família e crise de identidade no casal. O resultado da revolução dos valores paternos provoca, hoje em dia, por incrível que pareça, a busca de conhecimentos técnicos e científicos para se aprender a melhor maneira para o exercício da paternidade.

[...eu penso na responsabilidade de ter um filho e às vezes eu quero até fugir disso...] (pai)

[...a minha gravidez é assim, aquela coisa de sentir a criança germinando, crescendo e que vai ser minha e daqui algum tempo, vai brincar comigo depois...] (pai)

Existe um momento para ser pai ou alguma coisa programada no homem que o impulsiona para ter filhos ou tudo não passa de mito? A possibilidade do tornar-se pai ou mãe é associada à situação de crise ou conflito motivacional pela tendência antagônica de sentimentos e sensações inerentes à essência

psicológica da gravidez como fase de transformação e, também, com a motivação para a paternidade. Simbolicamente estão em jogo em nosso psiquismo as sensações de vida e morte, perdas e ganhos⁽¹⁵⁾.

O sentimento de perda em relação a hábitos e à privacidade existente em alguns modos de vida, diante da possibilidade de tornar-se pai, é real.

[...eu trabalhava de bancário e você pode ser mandado embora a qualquer hora. Eu tinha moto, carro, gostava de passear. Tinha 17 anos, ela ficou grávida, eu tive que alugar uma casa, entrou bastante dívida. Eu pensei, uma criança atrapalha porque aquilo que eu fazia eu não fiz mais...] (pai)

Neste estudo alguns homens acham, sim, que existe um momento para ser pai. Este momento está relacionado principalmente à aquisição de algumas condições sociais antes de uma possível gravidez, como estabilidade financeira, preocupação com a estrutura familiar, ou seja, presença de uma mãe em relação estável com o pai e comprometimento com a educação do filho, resultado de um amadurecimento anterior. Por outro lado, alguns pais entendem o momento da paternidade como algo inerente à condição humana e conseqüentemente do homem. Nesse sentido não há um momento determinado para o acontecimento da paternidade.

A paternidade não tem seu início vinculado ao nascimento de um filho e, sim, se inicia já na infância, em fantasias, na vivência do cuidar, nos sonhos da adolescência com o filho que se quer ter⁽¹⁵⁾.

Na união entre o homem e a mulher, a busca do filho planejado se deve a diversas motivações, conscientes e inconscientes, como a expressão do amor e da união, a perpetuação nas gerações, realização por meio do filho, fertilidade ou até uma maneira de evitar outras possibilidades de vida⁽¹⁶⁾.

Neste estudo, o planejamento da gravidez, na maioria das vezes, não aconteceu. Porém, existiu uma aceitação imediata da nova situação. Entretanto, é interessante a atitude do homem frente à gravidez. Parece que ele não tem envolvimento direto com essa possibilidade. Ele é comunicado que será pai e sua aceitação corresponde ao comportamento que um bom pai deve ter. O fato de a gravidez não ter sido planejada não significou uma gravidez

indesejada e muito menos uma criança indesejada.

[...eu acho que a gente não pode escolher, mas se eu pudesse ter esperado mais um ano, eu esperava...] (pai)

Parece que construir o caminho em direção à paternidade, a partir de buscas internas, articuladas ao desejo de ser pai, ainda não é para esses homens uma realidade.

O ponto fundamental na união de um casal é a transcendência da individualidade de cada um para a formação de um *modus vivendi* compartilhado. Muitos casais centralizam nos filhos a razão de sua vida, utilizando a maternidade e a paternidade como escudos protetores para a fuga de problemas conjugais⁽¹¹⁾.

Os pais entrevistados evidenciaram dificuldade em relatar problemas relacionados à gravidez, porque estes são entendidos como inerentes à vida cotidiana. Quando houve relato, os problemas estavam associados à mudança de comportamento da mulher durante a gravidez, ao sentimento de incompatibilidade entre a presença da gravidez e o prazer sexual e à associação inconsciente da gestação, ao conceito de mãe pura, isto é, assexual.

[...nos primeiros quatro meses foi mais difícil, ela ficava muito nervosa à toa...] (pai)

[...assim, ultimamente eu estava muito distante e bloqueia um pouco a parte psicológica do homem também, saber que ela está com uma criança lá dentro e ficar fazendo sexo, eu acho isso muita ganância do cara...] (pai)

Os pais também relataram grande dificuldade em compartilhar suas ansiedades, porque esta não é uma prática comum em nosso meio. A procura por orientação especializada praticamente inexistente, seja em decorrência da escassez de serviços que ofereçam acompanhamento ao pai grávido ou pelas dificuldades de acesso a esses serviços, relacionadas a custos e horários que normalmente são incompatíveis com as atividades profissionais desses homens. Enfim, a busca de apoio foi sanada por meio do convívio social com amigos e familiares.

[...foi difícil viu, tem um amigo que a gente conversava, ele trabalhava comigo, ele foi até em

casa e levou a esposa dele e aí nós conversamos bastante...] (pai)

[...essa minha ansiedade foi minha mesmo, particular, então, como é que eu tinha que trabalhar isso, desenvolver paciência e esperar...] (pai)

Diante das dificuldades apresentadas pelos pais frente à paternidade, torna-se clara a necessidade de acompanhamento desses indivíduos. A criação de um espaço onde esses homens possam discutir suas dúvidas e dividir suas ansiedades. A intensidade afetiva gerada pela possibilidade de tornar-se pai, hoje, é muito mais real do que há algumas décadas. O homem vem procurando um redimensionamento de sua vida, em que o modelo desempenhado por uma geração em que o pai era alguém omissos e distante afetivamente está sendo gradativamente substituído por um homem que busca se iniciar no exercício do contato e da expressão de suas necessidades afetivas.

Neste estudo, os homens mostram que é perfeitamente possível envolver-se e vincular-se com a gravidez e, conseqüentemente, com o filho. Eles relatam sentimentos de identificação com as mudanças vivenciadas pelas mulheres, bem como, com o crescimento e desenvolvimento do filho, no útero materno.

[...bom, grávido eu também me sentia, porque até as vontades nós tinha juntos, quando ela tinha vontade de comer alguma coisa, nós dois comíamos juntos, porque senão não dá certo pro nenê...] (pai)

Alguns homens consideram a participação recompensadora, porque cuidar da mulher leva-os a se sentir uma parte do processo de nascimento. Eles apreciam o fato de se sentirem necessários. O carinho que um homem sente pela mulher é um carinho direto para com o bebê que está para chegar. Ele não pode sentir a vida dentro de seu próprio corpo e necessita da mulher para compartilhar o corpo dela, deixá-lo ser uma parte de seus cuidados físicos durante a gravidez⁽¹⁷⁾.

Alguns pais manifestaram sua participação por meio do oferecimento constante de apoio emocional à companheira, carinho, compreensão quanto às possíveis mudanças no comportamento da mulher, uma excessiva preocupação com a saúde desta e na colaboração

com a divisão das atividades domésticas. Por outro lado, observamos novamente a presença de dificuldades na concretização da participação no processo da gravidez, de um lado em função da não-compreensão do mesmo e, de outro, pelo sentimento de exclusão do processo.

Talvez a explicação para essas dificuldades esteja no fato de que os homens ainda não se veem como parte do processo de gestação⁽¹⁰⁾.

[...eu fico muito contente, economizo serviço pra ela, deixo sempre mais pra mim...] (pai)

[...eu tenho esta dificuldade de compartilhar, de participar porque eu não consigo compreender o que ela sente...] (pai)

[...ela cuida de tudo sozinha, não solicitou muito, eu chegava do trabalho e a criança já estava dormindo...] (pai)

O comportamento do homem atual frente à possibilidade de participar ativamente no momento do parto, segundo os entrevistados, revela uma duplicidade de anseios. Para alguns pais, o parto é visto como algo amedrontador, fora do seu cotidiano, uma vez que se trata de um momento em que profundas emoções vêm à tona e precisam ser trabalhadas. Esses homens não sabem como lidar com essa situação, talvez, em decorrência do pouco exercício de sua capacidade afetiva.

[...eu acho que isso daí tem que ficar separado do jeito que está mesmo, é uma coisa que foge muito da minha rotina...] (pai)

No entanto, para outros, a participação constitui-se em item-chave para a concretização de sua integração com a gravidez, o próprio parto e o pós-parto. Essa participação significa a possibilidade de amadurecimento individual, seja por meio da vivência do parto, dos conhecimentos que ele possa adquirir ou do contato com emoções particulares e recíprocas entre o casal. Por outro lado, a privação cria sentimentos de insegurança em relação ao que possa estar acontecendo com a família, preocupação e frustração pela sua exclusão.

[...eu acho errado não poder entrar, é mais uma experiência para o homem, eu gostaria muito de ficar junto dela desde o trabalho de parto até a hora do nenê nascer...] (pai)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as representações acerca da vivência do processo do tornar-se pai, nos deparamos com um indivíduo que não tenta mais fugir das emoções inerentes a esse momento, apesar das dificuldades comuns a tudo o que é novo. No entanto, esse homem ainda é escravo do estereótipo masculino que determina figuras de identidade como de um super-homem que, na vida cotidiana, traduz-se no pai protetor e provedor material. A expectativa que emerge é, por um lado, que o homem consiga rediscutir seu conceito de virilidade, tentando prover a família

de forma menos complexa e mais compartilhada, que busque mais qualidade de vida e construa sua identidade a partir de seus próprios anseios, conflitos e necessidades. Por outro lado, que os serviços de saúde revejam os pressupostos que utilizam como padrão de qualidade na assistência, desmistificando conceitos que na realidade são reflexos do modelo de cuidado medicalizado vigente e adotem medidas humanizadas na atuação frente à comunidade, respeitando-a e oferecendo o espaço necessário para que ela participe efetivamente do próprio cuidado.

BEING FATHER: A FIGURE OF IDENTITY

ABSTRACT

The object of this study was to rethink the masculine identity forward to fatherhood, in an attempt to seek a new definition to be a man, taking into account experiences attached to the female condition. The population of this qualitative study was 25 subjects, 10 parents and 15 nurses. Data were collected through open interviews, based on preliminary script, and analyzed by the researcher to the Theory of Social Identity. We tried to work the immediate knowledge of parents, mediated knowledge of professionals, based on these representations about the behavior of parents and abstract knowledge of the researcher, based on specialized literature and professional experience. The results of the analysis of human behavior have shown that an individual in the pursuit of understanding the experience of fatherhood, is rethinking its role, especially their attitudes and emotions, conquering space in the construction of their identity. On the other hand, the professionals speeches rescued social stereotypes about the behavior of those men forward to fatherhood that disqualify them. The reassessment of our conceptions is the way to changes in our practice in the health field that will contribute in the process of identity construction on the new man.

Keywords: Paternity. Pregnancy. Nursing, Public Health.

SER PADRE: UNA FIGURA DE LA IDENTIDAD

RESUMEN

El objeto de este estudio fue de repensar la identidad masculina hacia adelante a la paternidad, en un intento de buscar una nueva definición para ser un hombre, teniendo en cuenta las experiencias asociadas a la condición femenina. La población de este estudio cualitativo fue de 25 sujetos, padres de familia de 10 y 15 enfermeras. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas abiertas, basadas en el guión preliminar, y analizados por el investigador de la Teoría de la Identidad Social. Tratamos de trabajar el conocimiento inmediato de los padres, el conocimiento mediado de los profesionales, sobre la base de estas representaciones sobre el comportamiento de los padres y el conocimiento abstracto de la investigadora, basada en la literatura especializada y la experiencia profesional. Los resultados del análisis del comportamiento humano han demostrado que un individuo en la búsqueda de la comprensión de la experiencia de la paternidad, se está replanteando su papel, sobre todo sus actitudes y emociones, la conquista del espacio en la construcción de su identidad. Por otro lado, los discursos de los profesionales rescataron los estereotipos sociales sobre el comportamiento de los hombres hacia adelante a la paternidad que les descalifica. La reevaluación de nuestras concepciones es el camino a los cambios en nuestra práctica en el campo de la salud que contribuyan en el proceso de construcción de la identidad del nuevo hombre.

Palabras clave: Paternidad. Embarazo. Enfermería. Salud Pública.

REFERÊNCIAS

1. Amar AM. Revisão da experiência de 23 anos em investigações de paternidade e maternidade. Arquivos da polícia civil. São Paulo: Vozes; 1984.

2. Miles R. A história do mundo pela mulher. Rio de Janeiro: LTC: Casa-Maria Editorial; 1989.

3. Verucci F. Machismo e os direitos da mulher. São Paulo: L&PM; 1986.

4. Civiletti MCP. O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista. In: Reis, AOA, Zioni, F. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. Rev Saúde Pública. 1993; 27(6): 472-77.
5. Reis AOA, Zioni, F. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. Rev Saúde Pública. 1993; 27(6):472-77.
6. Nogueira R. Revistas masculinas ou de macho? São Paulo: L&PM;1987.
7. Ciampa AC. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Vozes; 1989.
8. Sarbin TR, Scheibe, KE. Studies in social identity. New York: Praeger; 1983.
9. Violante ML. Da construção bio-sócio-psicológica do sujeito. Psicologia & Sociedade. 1988; 3(4):23-7.
10. Maciel AA. Ser/estar pai: uma figura de identidade [dissertação]. São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública da USP; 1994.
11. Minayo MC. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco; 1992.
12. Maldonado MT. Maternidade e paternidade. Petrópolis: Vozes; 1989.
13. Nolasco SA. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco; 1993.
14. Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1975.
15. Montgomery M. O novo pai: a dimensão da paternidade. São Paulo: Saraiva; 1992.
16. Maldonado MT. Maternidade e paternidade. Petrópolis: Vozes; 1990.
17. Eichenbaum L, Orbach, S. Afinal, o que querem as mulheres? Rio de Janeiro: Vozes; 1983.

Endereço para correspondência: Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli. Av. Robert Kock, nº 60, Vila Operária. CEP: 86038-350, Londrina, Paraná.